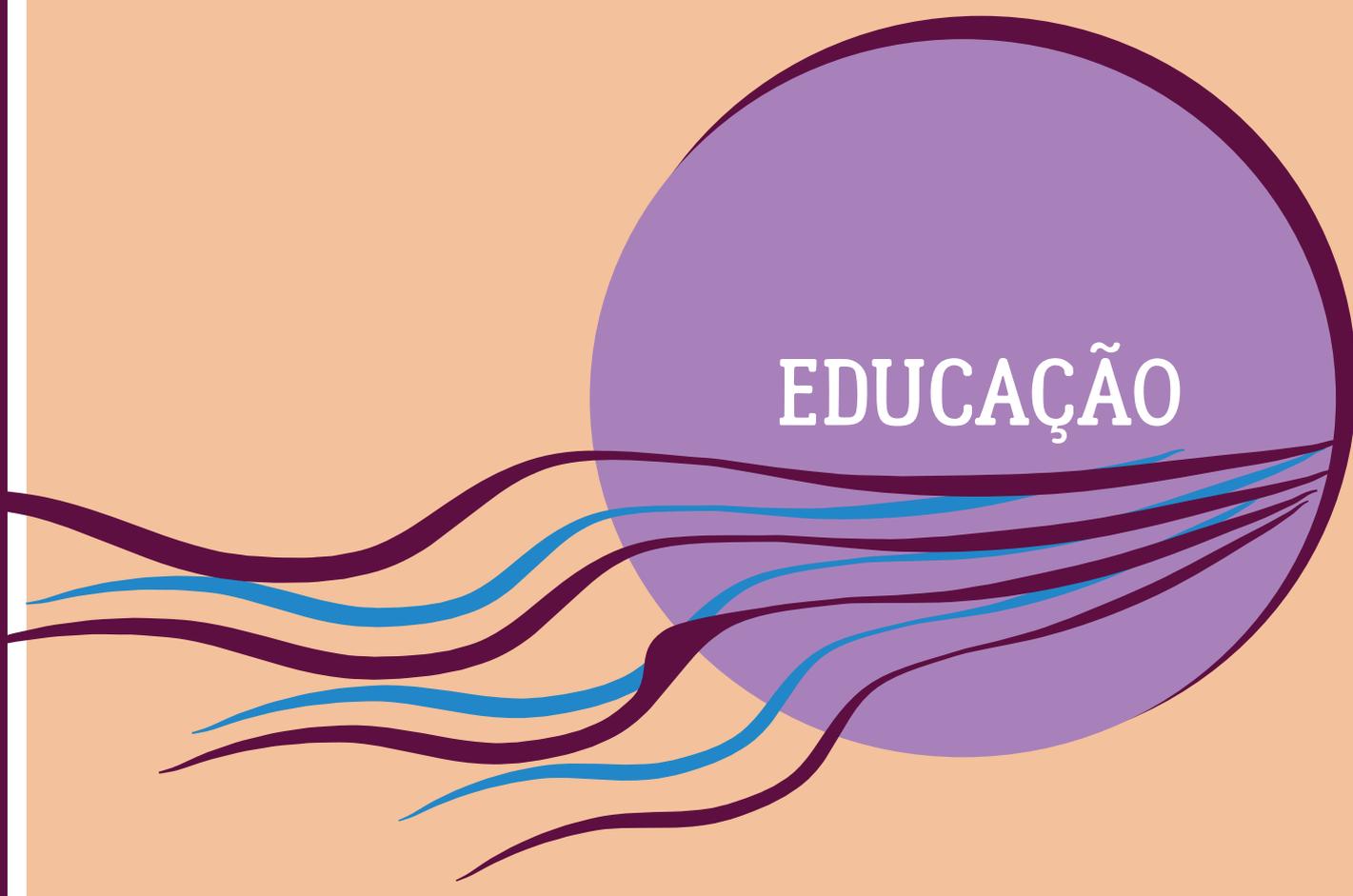


SÉRIE

CADERNOS DE EXTENSÃO



EDUCAÇÃO



PRE

Pró-Reitoria de Extensão

**SINGULARIDADES
DA NATUREZA:
POTENCIALIZADORES
DE SUBJETIVAÇÃO NA
CONSTRUÇÃO EM ARTE-
EDUCAÇÃO**

VANDERLEIA RODRIGUES ABADIE

REBECA L. STUMM

**SINGULARIDADES DA NATUREZA:
POTENCIALIZADORES DE SUBJETIVAÇÃO NA
CONSTRUÇÃO EM ARTE- EDUCAÇÃO**

2° edição

Santa Maria

Pró-Reitoria de Extensão UFSM

2017

ISBN: 978-85-67104-30-0

A116s Abadie, Vanderleia Rodrigues

Singularidades da natureza [recurso eletrônico] :
potencializadores de subjetivação na construção em
arte-educação / Vanderleia Rodrigues Abadie, Rebeca
L. Stumm. – 2. ed. – Santa Maria : Ed. PRE, 2017.
1 e-book : il. – (Série Cadernos de Extensão.
Educação)

1. Educação 2. Arte – Ensino 3. Arte educação
4. Meio Ambiente I. Stumm, Rebeca L. II. Título.
III. Série.

CDU 372.87
7: 371.13

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte CRB-10/990
Biblioteca Central - UFSM

RESUMO

Como arte-educador sabemos que em arte não existe a possibilidade de imitação da natureza, em que na qual o artista se dispõe para reinterpretá-la. Por fazermos parte desse grande ciclo da vida que envolve todos os elementos que compõe a natureza, como arte-educador, ensejamos propiciar aos alunos a constatação do potencial poético que envolve as folhas, palhas, sementes e galhos, estimulando o desenvolvimento da conscientização política e ecológica que compõe o campo da investigação. É com esse intento que a aplicação das possibilidades criativas almejam tornar visíveis as contribuições da comunidade escolar guardadas no imaginário individual de cada envolvido no processo.

Palavras-chave: *Ecologia, educação, processos poéticos*

SUMÁRIO

1 Garimpando materiais	10
2 Construindo identidades	6
3 Busca por Imaginários sociais	7
4 Primeira incursão no ambiente a ser explorado	9
5 Descobrimo as potencialidades	14
6 Resignificando aspectos conhecidos na natureza	18
7 Considerações finais sobre o despontar da caminhada	19
8 Referencias Bibliográficas	20
Sobre as Autoras	36

APRESENTAÇÃO

Estamos vivendo na atualidade uma época de paradoxos, pois ao mesmo tempo em que nos vemos autossuficientes maior é a nossa necessidade de relacionamentos. Cabe ainda a convivência diária com situações em que convivemos com catástrofes, desastres e desesperança. Desta forma nos ligamos a tudo que nos proporcione estabilidade, mesmo imagens, saberes e teorias que nos façam sentido.

Em nossa profissão de educadora de artes observamos tal busca também nos alunos, essas mudanças velozes com que nos deparamos com o advento do consumismo, das tecnologias, e da liberdade desregrada que tudo admite em nome da efêmera felicidade. Constatamos que existe uma forma de retomada do que já foi experimentado como algo natural, pois toda criança de alguma forma já manuseou folhas e galhos e até mesmo já as utilizou em suas experiências lúdicas no brincar. Embora os adolescentes sintam-se seduzidos por meio de comunicação global, que os coloca em redes de informações, como é o caso das mídias reveladas pelos celulares, que todos eles tem, muitas vezes do melhor e mais moderno modelo. Notamos que mesmo com toda essa oferta de informações, os alunos ainda nutrem interesse pelo descomplicado do manusear formas encontradas em meio a natureza que lhes serve de incentivo a criação plástica. Dessa forma, observamos a formação da subjetividade e os processos de identificação dentro da sala de aula por meio das imagens que fazem parte e seu cotidiano, já que são integrantes de uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, chamada de São Pedro do Sul. Questões como a efemeridade e preservação da natureza, pureza de alimentos e ecologia, fazem-se temas de abrangência educativa vinculadas e pertinentes quando abordadas pelo olhar do artista professor que também trabalha em sua pesquisa de mestrado tema semelhante, e que busca dentro da comunidade escolar fontes de incentivo através de entrevista com colegas sobre preservação e utilização de fontes naturais no

processo criativo. As apropriação das informações e saberes adquiridos também em outras áreas de conhecimento se tornam importantes para a formação do processo construtivo, dos trabalhos artísticos, em que geografia, história, ciências e língua portuguesa são exercitadas constantemente em meio a estes caminhos escolhidos dentro do perímetro da vila onde se encontra a escola.

Nas cidades de pequeno porte com poucos habitantes, a maioria composta por imigrantes, ainda continua sendo o lugar de onde descende a maioria dos integrantes da população gaúcha, se nos detivéssemos a perguntar, constataríamos que, mesmo jovens, possuem algum parente que morou ou mora em sítios afastados; dentro desse campo de realidade se estrutura a identidade da maioria de integrantes da escola Rosa L. Arboitte.

Embora as escolas tenham seu grau de importância para incentivar a gama de conhecimentos relacionados a arte e o que se produz em arte mundialmente. Mesmo assim, houve no Brasil movimentos de ruptura, como foi a Semana de Arte moderna na década de 1922. Este movimento trouxe a público muitos artistas como Anita Malfati, Di Cavalcanti, Vicente Rego Monteiro, Oswald Ghoseldi, Vitor Brecheret e Osvald de Andrade e Tarsila Amaral¹, porque foi uma exposição que de fato marcou a forma de fazer arte brasileira de modo definitivo, onde as referências deveriam ser repensadas a partir dali. Foram abertos novos caminhos para se introduzir novos meios e linguagens nas entidades educativas, nas galerias, nos museus.

Notamos hoje, que as referências adquiridas foram alteradas com a chegada dos meios de comunicação às comunidades do interior, de certa forma nessas sociedades eram conservadas noções de arte mais acadêmica, baseadas no desenho realístico. Atualmente, com a ascensão dos meios de comunicação as obras produzidas no interior possuem maior aproximação com as características

1 DANTO, Arthur C. Após o fim da arte. São Paulo: Edusp, 2006

de trabalhos artísticos engajados com a realidade em constante mudança, e isso os aproxima também dos trabalhos produzidos nos grandes centros.

1| GARIMPANDO MATERIAIS

Na prática em sala de aula, com alunos da comunidade de São Pedro do Sul, observamos a potencialidade da natureza integrar a proposta de ensino como potencializador das descobertas dos alunos em relação a arte. Nos arredores da escola, que situa-se nas proximidades da cidade, quase em zona rural, vemos plantas, observamos matérias em decomposição, fungos e como se efetua a fugacidade da vida.

Essa situação suscita e motiva diálogos sobre nosso fazer, em como utilizar-se do efêmero, o passageiro, esse paradoxo da natureza, pois mesmo possuindo finitude lhe é imanente a capacidade de restaurar-se. Então o caráter de estagnação frente a vida é muito rápido, irrompe em novas mudas e sementes germinando novas arvores a ervas. Vemos através do olhar dos alunos que mesmo os fungos colaboram para a manutenção da vida.



Figura 1. Trabalho com folhas secas. Alunos do oitavo ano EMEF Rosa L. Arboitte- Foto: Vanderleia Abadie.

Torna-se urgente a formação de uma consciência ambiental processo que se faz nas escolas também, onde estabeleçamos uma atitude de reaproveitamento e respeito a arte, que saibamos de onde se origina inclusive os produtos orgânicos, como é o caso das palhas, sementes e folhas, a fim de ampliar a preservação. Não podemos abordar um tema tão polêmico como a monocultura, que envolve problemas de ordem ecológica sem abordar os inconvenientes provindos desta prática que está sendo adotada não só no Brasil, mas em todos os países produtores do mundo, visando apenas a lucratividade sem medir os estragos irreparáveis a fauna e a flora nacional. (PORTO GONÇALVES, p. 16, 2013)²

A natureza nos cede seus elementos para que possamos efetuar as trocas entre os seres aluno, professor e comunidade. E para isto buscamos na arte meios de abordar temas atuais como efemeridade, poluição, extermínio de espécies, amparando a mediação nos conhecimentos adquiridos e internalizados pelos alunos. Enquanto compartilhamos conteúdos apreendidos na academia observamos e nos emocionamos com as descobertas daqueles que estão em franca aprendizagem, as descobertas se dão em atos e constatação. Esta ligação do homem com sua essência agregada ao meio ambiente resulta numa intermediação entre as culturas de uma localidade, encontram-se as histórias vividas pelos avós e agora seus descendentes se baseiam em suas dicas para se utilizar dos matérias. Como plantas que são venenosa ou espinhentas, folhas que podem causar alergia, como no caso da ortigueira brava, receitas de chás, etc... As culturas repassadas aliam-se as adquiridas e norteiam a formação das redes de conhecimentos. De acordo com Merleau Ponty, é um modo de tratar da percepção a partir de um olhar do artista para a natureza desde seu modo de estar no mundo, seus significados sua expressão originária por meio da obra conferindo a arte uma espécie de base para o conhecimento sensível"(2013,p.410).

Algo como um câmbio se coloca aqui: os alunos enquanto corpos presentes tanto colaboram e acrescentam no processo como arrecadam e angariam novos saberes, essa troca propicia vantagens e amadurecimento. Merleau Ponty coloca

2 PORTO- GONÇALVES, Carlos Walter. Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013

a arte como o início da descoberta das potencialidades iminentes aos seres, pois toda a descoberta inicia com a visualidade e a gestualidade, até mesmo antes da elaboração de conceitos³. Usa-se o corpo enquanto compositor de sinfonias abstratas e figurativas, esse mesmo corpo que suscita o gestual e o imaginário é o que rege as vivências e nos permite executá-las.



Figura 2: Objeto construído pelos alunos 8º ano EMEF Rosa L. Arboitte. Foto: Vanderleia Abadie

Ratificamos esta diversidade de sinfonias equiparando-as com as culturas diversas que encontramos em sala de aula, neste ambiente abordamos as diferentes etnias existentes no meio, assim como as diversas espécies de árvores e até mesmo de gramíneas e um determinado descampado.

Relativo a etnias, Stuart Hall (2014) fala que:

"A etnia é um termo que nos utilizamos para nos referirmos às características culturais _ língua, religião, costumes, tradições, sentimento de "lugar" _ que são partilhadas por um povo,...não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia . As nações modernas são, todas, híbridos culturais".(HALL, 2014,p. 36)

Giroux (2000, p. 54) nota que a pedagogia pública é definida por meio de duas versões performáticas em seu trabalho contínuo de mediação e seu foco de atenção para as interconexões e lutas que ocorrem em relação ao conhecimento, linguagens, relações espaciais e história. Os sujeitos de pesquisa, alunos do oitavo

3 MERLEAU- PONTY, Maurice. O olho e o espírito. São Paulo: Cosac & Naify, 2004

ano do ensino fundamental nutriam uma ideia pré-concebida de arte educação, era necessário romper com este estabelecido. Seguiam um regimento que os colocava a serviço das relações de poder, agencia e produção de conhecimento. Então partimos para elaboração da nossa proposta de retomada dos elementos coletados na natureza a fim de criar elementos artísticos. Quando nos propomos a estabelecer um novo conceito sobre aquele pré-estabelecido de beleza e ajustamento social, encontramos alguns revezes, pois alguns alunos achavam que seus trabalhos não estavam suficiente mente bonitos para expor. Ouvindo as narrativas dos alunos por vias poéticas, imaginando em seus comentários sobre as vivências infantis e tudo o que armazenaram de conhecimento, buscamos no amparo da experiência acadêmica formas de transformar o pensado no construído. Portanto nesse estudo exercitamos um jogo entre a poética e o conceito a fim de visualizar as presentificações de vivencias que na perspectiva durandiana são eternas no tempo. (DURAND, 1988)⁴

Por meio dos caminhos do imaginário, buscamos repertório para elaborar um elo entre o pesquisado no mestrado em artes visuais e a profissão de educadora de artes. Daí surgiu a ideia de explorar artisticamente a flora através das folhas coletadas no lugar. Quando nos propomos a investigar o processo também nos dispomos a enfrentar desafios. Alguns desses serão descritos aqui, outros não, apenas estamos entabulando tal proposta de trabalho e ainda há muito a descobrir e analisar.

A experimentação ainda está baseada na coleta, isso incentivava a formação de uma expectativa de resultado. Com a proposta em andamento, buscamos incentivar criação sugerindo tamanhos e cores variadas das folhas para a construção. Dessa forma intentamos a germinação das ideias, semelhantes às mudas ou sementes que observamos, depositando no imaginário dos sujeitos conceitos de cor e harmonia cromática, bem como noções de história da paisagem

4 DURAND, Gilbert. *Imaginações Simbólicas*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

dentro dos movimentos artísticos, informações estas que poderão vingar. Embora mantenhamos a coerências enquanto elaboramos as aulas e buscamos fatores que nos leve a transdisciplinariedade, ainda assim sabemos que não é instantânea a assimilação de conceitos como o de responsabilidade ecológica e preservação. Enquanto seres integrantes da natureza , temos um tempo de incubação, neste momento se ficarmos movendo a terra mataremos os brotos. Esse seria o legado do educador, que temos ou não, paciência.

A verdadeira tomada de atitude frente aos problemas relativos à ecologia que propicia a cidadania começa com o princípio de que cada um dos seres deve ter um papel direto na determinação das condições de sua própria vida. De alguma forma, com nossa prática gostaríamos de sensibilizar essa pequena parte da comunidade para a preservação e possibilidades de criação com elementos naturais. Visando que não sejam, num futuro próximo, massa moldável na mão dos poderes dominantes, estabelecendo capacidade critica nos alunos .

2| CONSTRUINDO IDENTIDADES:

Explorando através de narrativas e conceitos adquiridos dos ancestrais, respeitando as peculiaridades locais, poderíamos afirmar que a transformação da heterogeneidade em homogeneidade constitui-se um fator preponderante nas comunidades atuais, porque a massificação e identidade individual ficam prejudicadas em nome da globalização, ainda assim restam alguns conceitos; é neles que nos amparamos. Quanto a globalização Stuart Hall fala que: "todos os meios de representação – escrita, desenho, pintura, fotografia, simbolização através dos sistemas da arte e comunicação - devem traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais, assim as narrativas traduziriam os eventos numa sequencia começo – meio e fim; os sistemas visuais de representação traduziriam os objetos tridimensionais em duas dimensões" (HALL,2014)⁵. Essa adaptação ao bidimensional se deu em favor dos assessorios tecnológicos que estão ao alcance de toda a população mundial.

A maioria dos adolescentes sabe da existência de tais produto midiáticos como: o celular, o computador, os mais modernos aparelhos eletrônicos, televisão entre outros; embora isso não leve a aquisição do mesmo e permaneça o desejo de aquisição, o que de certa forma incentiva o consumismo.

Esses desejos, mesmo inconscientes de aquisição e sonhados, são marcantes no processo de maturação de suas ideias e identificação com a proposta de trabalhar arte, e outras disciplinas em geral. Os anseios consumistas, as inseguranças, os medos e as certezas são marcantes no processo de identificação, aliam-se as mudanças fornecidas pela globalização. O que os alunos acompanham na mídia se aproxima de sua realidade, por que modismos estão aí para serem seguidos; esse aceleração global por vezes nos leva a deixar pendente algo relevante, a convivência familiar. Esse elemento tão comum e ao mesmo tempo tão raro

5 HALL, Stuart .A identidade cultural na pós modernidade .São Paulo: Lamparina , 2014.

tornou-se para estes alunos desafio, quando deram início a construir, tendo contato direto com elementos naturais experimentados por seus avós e fonte de renda de muitos que ainda habitam as localidades interioranas, de certa forma incentivou diálogos e narrativas por parte dos mesmos.

Essa retomada de fatos que são do conhecimento dos anciãos e que atualmente são mais raros, como as benzedeadas e parteiras de campanha, ou dos ditos como provérbios, e de alguns conceitos relativos a natureza ou, mesmo de formas de cultivo, como de lavouras de subsistência tratadas com adubo orgânico, o que alimenta o plantio sustentável baseado na preservação e reaproveitamento, alimenta os conceitos que movimentam as intenções da presente investigação.

A chegada da tecnologia no campo acelerou os anseios pelo novo, o descartável, fomentando o consumismo, e em alguns casos observamos por parte dos alunos que possuem carência de materiais, mas possuem o melhor celular. Os benefícios das redes de comunicação são inegáveis, pois estas de certa forma tornando uniformes os pensamentos de uma tribo africana com o comportamento de aldeias indígenas do interior do Brasil, então a fim de preservar estes conhecimentos relacionados à natureza empreitamos esta pesquisa também na escola, em forma de entrevistas e narrativas acompanhadas por diário de classe, o que remete a trabalhar com apontamentos e narrativas a fim de produzir elementos relativos a educação das artes na escola pública. Hall (2014)⁶ menciona que:

"As identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito as coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias tem se tornado mais importantes. Colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações globais começam a se deslocar e, algumas vezes, a apagar as identidades nacionais".(2014, p. 42)

Isto porque a medida que as culturas externas ganham a sociedade adentrando as casas das pessoas, sejam elas de qualquer comunidade, possibilitam o surgimento de identidades partilhadas tornando-os consumidores dos mesmos

6 Idem Ibidem p.11

bens e mesmos serviços, uniformizando os públicos, aproximando-os; suprimindo a ideia de distanciamento, espaço e tempo. Impasse encontrado por educadores nas salas de aula.

Sendo assim torna-se difícil conservar as identidades culturais intactas e impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. No decurso desta busca muitas foram as expressões que se juntaram, ampliando assim as perspectivas a cerca da poética imanente nos alunos, que são a base das pedagogia simbólica. Essa expressão espontânea por vezes relegada a condição de menos importância, para essa pesquisa demonstrou o quanto é relevante o imaginário para a formação do ser.

3| BUSCA POR IMAGINÁRIOS SOCIAIS:

É preciso localizar até que ponto se encontram engajados em questões relativas a natureza e ecologia os alunos em questão. Partindo daí para as narrativas e a confecção dos trabalhos práticos. Baseada nas experiências enquanto educadora e pesquisadora, ensejo ampliar a gama de possibilidades. Mesmo ainda em processo de construção esse trabalho tem o intuito de suscitar respostas para as perguntas suscitadas por ele. Somando as muitas vozes que rodeiam a comunidade escolar, as nossa em particular, formamos mapas afetivos, embasados em nossa vivência em meio a natureza outrora .

Esse emaranhado de memórias que permeiam a vida da educadora não se ausentam do seu fazer pois ainda produz arte amparada nos seus conceitos de natureza. Suely Rolnick⁷, que é uma pesquisadora de metodologias das artes, explica que existem diversas linhas onde amparamos nossos conhecimentos e dele partimos para as nossa indagações.

Uma dessas linhas é a linha do afeto, onde colocamos em nosso traçado tudo o que nos afetou, provocando emoções de alguma forma, seria uma espécie de memória emotiva. Em segundo plano temos a linha da simulação; onde situamos toda a oscilação e insegurança que experenciamos. É um sentimento ambíguo guarda em seu interior a ideia de vitória e o medo do fracasso. Enfim, é imanente ao ser humano. E por fim, a terceira e não menos importante linha, alinha visível, finita. Seria o consciente, o que forçaria a ética e tomada de atitudes aceitáveis perante a sociedade. A consciência real e racional. (ROLNIK,2014, p.52/53). Encontramo-nos enquanto pesquisadores envoltos por essa rede composta de linhas, enredados em nossa memórias e utilizando-nos de outras que nutrem e norteiam as buscas em relação as questões envolvendo a comunidade escolar, como ecologia, plantio

7 ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

responsável, arte contemporânea e efemeridade.

Assim, com essa turma de oitavo ano da escola Rosa Lazzaroto Arboitte colocamos o desafio de construir aproximações a arte contemporânea com materiais coletados em nossas caminhadas pela vila Santa Luzia, local que decidimos estabelecer nossa rede de contatos. Então no momento em que incentivamos a curiosidade, e desafiamos a sua criatividade foi o mesmo que uma analogia da plantação e seus processos. Seria como se adicionássemos adubo em seus imaginários que já guardam todo cabedal necessário para a aprendizagem, e apenas fomentamos e lapidamos aquilo que eles já possuíam. Maria Helena Wagner Rossi⁸, educadora e pesquisadora da área de artes comenta:

"As construções no domínio da leitura estética dependem de inúmeras variáveis, que atuam na interação do sujeito com o seu meio. Provavelmente não haverá o desenvolvimento das ideias mais sofisticadas e autônomas em meios onde a discussão estética não é privilegiada...Sabe-se que o julgamento moral também vinculado ao cognitivo, não é favorecido em todas as sociedades e nem sempre os estágios mais avançados são alcançados."

Enquanto educadores cabe o plantio de boas atitudes e ideais, aguardando a germinação. Essa espera poderá ser vã, mas mesmo assim o educador, pacientemente semeia, apenas semeia.

Em uma entrevista, o cientista chileno Humberto Maturana⁹ fala em relação as atitudes e o que se espera do ser humano, perguntaram-lhe se com o estudo da vida, ele teria encontrado alguma ordem no mundo, um forma de racionalidade que lhe fosse inerente. Ao que ele respondeu:

"Não há uma racionalidade no mundo, não há finalidade nele. Apenas existe um conjunto de interações. O mundo segue à deriva. À Terra não importa em nada que a vida se extinga, não seria o primeiro planeta a morrer. Insisto: a conservação não é pela Terra, não é pela biosfera, é por nós. A biodiversidade é importante para nosso bem-estar fisiológico, psíquico, estático. O grande dom dos seres humanos é que podemos

8 ROSSI, Maria Helena Wagner. *Imagens que falam: leitura da arte na escola*. Porto Alegre: Mediação, 2009(4 ed.)

9 http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=845

criar tecnologia, mas, também, podemos detê-la, nos livrar das máquinas quando deixam de adequar-se ao que queremos; é uma questão de desejo."

Quando desafiados, os adolescente se sentem instigados para a descoberta. Então, aproximá-los daquilo que nutrem afeto é o caminho mais breve para auxiliá-los no ganho de conhecimento. Segundo Hernandez(2007;p.27), pesquisador espanhol, o papel da cultura visual observar "a relevância que as representações visuais e as práticas culturais tem dado ao olharem termos de construções de sentido e das subjetividades no mundo contemporâneo". Notamos que a influência dos comentários dos colegas, ou noções de belo que guardem em seu subconsciente ou informações que receberam das mídias, criam uma realidade artificial onde amparam o seu elaborar. Esse fato de reprodução agiganta-se e no aumento de seu volume, suscita uma atitude do arte educador, que é levado a efetuar novas articulações onde os estereótipos sejam deixados em nome de novas experimentações.

4| PRIMEIRA INCURSÃO NO AMBIENTE A SER EXPLORADO

Assim teve início a presente investigação. Numa manhã, de março/2016 em sala de aula foi proposto que olhássemos as fotos antigas dos alunos que já passaram por aquela escola (Rosa Lazzarotto Arboitte). E desse modo, por meio de seus afetos foram direcionados para pessoas queridas da comunidade que eles conheciam e que estavam ali, em imagem, frente a ele, como crianças, olhando-as. Quanto as imagens internalizadas pelas crianças Didi Huberman¹⁰ professor e pesquisador, comenta que o que a criança experimenta seria uma forma de aura do objeto visível (algo imaginário que só ela pode identificar), algo que cessa de oscilar “constantemente inquieta a estabilidade de sua própria existência: o objeto se arrisca constantemente a se perder e também o sujeito que dele ri”. A dialética visual do jogo, a dialética do jogo visual é assim também uma dialética de alienação como a imagem de uma coerção do sujeito a desaparecer ele próprio, a esvaziar os lugares. Entendemos essa colocação como uma forma de justificar a apropriação por parte do indivíduo de algo que lhe pertencia desde o princípio: o imaginário.

Brincando de escorrega e aprendendo o abecedário em imagens apenas silêncio nas fotografias, tão diferente do mundo encontrado nas escolas. Quanto a imagens estáticas, mas ao mesmo tempo tão afetivas e relacionadas com o id humano, Roland Barthes¹¹, pesquisador-artista e fotógrafo comenta sobre o universo da fotografia:

Como a fotografia é contingência pura e só pode ser isso (é sempre alguma coisa que é representada) ao contrario do texto que , pela ação repentina de uma única palavra pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão_ ela fornece de imediato esses detalhes que constituem o próprio material do saber etnológico. (BARTHES ,1984,p.49)

10 DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Editora 34,2010(2ªEd.)

11 BARTHES, Ronland. A câmara Clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1984.

Vivemos numa sociedade que nos ensina desde muito cedo a controlar nossas emoções, a resguardar nossa curiosidade, a evitar situações que poderiam redundar em sentimentos de perda ou fracasso. Aprendemos a não explorar a nossas ideias e a bloquear a expressão de tudo aquilo que poderia ser considerado ridículo ou motivo de crítica.

Quando uma criança gasta a borracha apagando o que não ficou bonito para seus parâmetros de beleza estereotipada é que nos deparamos que suas ideias originais foram roubadas. Maria Helena Wagner Rossi endossa nossa inquietação quando menciona que em sua pesquisa ficou evidente a defasagem na construção do pensamento estético dos alunos sem familiaridade com a arte. Diz que devemos nos lastimar por estarmos perdendo possibilidade de encontros promissores de formação e conhecimento em arte (ROSSI, 2009, p.133)

Nesses momentos, em que o lápis ganhou a dimensão de limite e a borracha corretor de criatividade, buscamos elementos diferentes, ligados a natureza onde a proposta de trabalho versaria sobre criação de seres imaginários, figuras malucas com folhas secas, explorar o toque, a textura, os cheiros. Elaboramos o que chamamos de desafio. Estamos nesse momento preparando o solo.

Há quem diga que isto é uma produção baseada em efemeridade, algo não durável. Então nesse momento questionamos: a nossa passagem aqui será eterna? Não somos todos passageiros?

Pesquisando o significado pala efêmero, descobrimos que seria um termo de origem grega onde ephémeros significa "apenas por um dia", algo passageiro de pouca durabilidade. Diz-se em muitos provérbios que a vida é efêmera por ser passageira, já na botânica a efemeridade é mencionada com relação às flores que murcham no mesmo dia que desabrocham ou que florescem mais de uma vez no ano. As águas da chuva estipulam rotas alternativas para chegarem ao curso do rio principal, a esses veios dizemos serem efêmeros, pois parando a chuva que o

alimenta eles se extinguem.

Notamos por parte da sociedade, uma fobia pelo perecimento, uma insegurança com a obra que não possui registro com tudo aquilo que pode vir a perder-se, como as performances ou os grandes espetáculos musicais, via de regra, toda a manifestação artística deverá ser vinculada a alguma mídia, seja reprográfica ou vídeos, com a necessidade de justificar sua existência. Assim se fez na Land Arte¹², o movimento ligado a arte em meio a natureza e derivada da natureza em todos os movimentos de arte conceitual. Os resíduos encontrados descartados em nossas caminhadas, folhas, galhos e sementes subjagam o conceito da efemeridade, eles possuem prazo para perecer, cumprem sua função de potencializador artístico e ganham ares de finitude. Na natureza a instabilidade é constante, até mesmo as estruturas elaboradas pelo homem podem ruir de acordo com fatores climáticos, por isso abordar essa questão da finitude.

Falando das pessoas com as quais estabelecemos contato, no intuito de efetivar o princípio da ação pedagógica, o que lhes estimula é a experiência sem negar a preocupação com a nota. Para o educador o que realmente importa são os registros e tudo aquilo que guardarão na memória.

Se perguntarmos a você, leitor, o que lhe marcou na vida escolar, o que você guardou de tudo aquilo que aprendeu? Com certeza muito de teoria que decorou esta internalizada em sua memória. Porém, o que realmente ficou gravadoa foram as relações que efetuamos. Seja com amigos, com objetos, ou professores. Nossa memória é afetiva.

Autonomia. Já dizia o celebre pedagogo Imanoel Agirre¹³ doutor e professor de educação artística sobre autonomia colocada por parte não só dos alunos, mas da

12 Movimento ligado a arte em meio a natureza e derivada da natureza em todas os movimentos de arte conceitual; vigorou no período da década de 60/70 mundialmente.

13 AGUIRRE, Imanoel. Cultura Visual, política da estética e educação emancipadora. IN: MARTINS, Raimundo ;TOURINHO, Irene. Educação da cultura visual : conceitos e contextos. Santa Maria : Ed. da UFSM, 2011.

sociedade frente a originalidade da arte. Diz que “que é necessário tirar o debate do âmbito antológico, se algo é arte ou não é, e se merece ser tratado dentro de uma ordem de distinção”(AGUIRRE, 2011,P.76). Caberia então socializar de forma a colocar sementes de compreensão que algumas atitudes criativas ganham destaque pelo seu teor estético singular, e não pela simples legitimação dos galeristas.

5| DESCOBRINDO AS POTENCIALIDADES

Seguindo a perspectiva proposta pelo artigo e o desenrolar da pesquisa, partimos para o próximo passo que seria adubação: Como adubar, potencialidades que já possuem os alunos, sem intervir e manipular o fazer e o descobrir individual.

As folhas montadas são uma espécie de quebra cabeças que vão ganhando nova vida enquanto se compõe em trabalho. Enquanto se estabelecem relações com a natureza, acontecem as permutas que possibilitam a aprendizagem de algo útil, de criação. A regulação deste processo se estabelece baseado também no imaginário individual.



Figura 3: Objeto trabalhado com folhas secas pelos alunos do 8ºano da EMEF. Rosa L. Arboitte.

Foto: Vanderleia Abadie

A roda de aprendizagem necessita desse enfoque que a direcione ao reconhecido e vivenciado como fatores já vistos, mas que ao mesmo tempo seja algo inovador que fuja ao esperado. Talvez por isso as folhas secas, os galhos, as palha, o cipó, o efêmero e o registro sejam nesse artigo os fatores desencadeantes do processo criativo.

Durante a produção de trabalhos notou-se que aconteciam aglutinação dos conhecimentos de fatos já assimilados por parte dos alunos, ou seja, o conhecimento se efetivava de acordo com as experimentações; exemplos e impulsos. O que nos leva a considerar que as ligações nutriam o insite criativo, ao menos durante a execução do proposto.

As imagens por eles elaboradas guardam dimensões de fenômenos culturais não descritíveis pelo método tradicional de ensino das artes, intencionamos revelar as ideias e noções inclusas e relacionadas à preservação e manutenção ecológicas.

6| RESIGNIFICANDO ASPECTOS CONHECIDOS NA NATUREZA

Como diria Deleuze(1995), transbordar de alguma coisa só é possível no momento em estamos plenos de algo. Para que se derrame, o princípio é desacomodar, sugerir algo que ocasione a ruptura. Nesse caso é ao fornecimento de elementos naturais que eles estão acostumados a manusear, mas não a fim de construir arte. Essa liberdade para construir e ao mesmo tempo limite os coloca em situação de estranhamento e desconforto. Essas ideias construtivas permeiam as fendas de seus imaginários, esse sonhar exercita a capacidade de idealizar, faz com que o transbordamento ocorra vagarosamente, amparado de forma sutil pelo arte-educador que devera acompanhar todo o processo de auto descoberta.

Então caberá a este olhar, cuidar sem interferir na ação criativa identificando as diferenças entre a personalidades do alunos, solucionando problemas que o processo poderá eventualmente manifestar. Essa associação do ser humano com o meio ambiente reutilizando alguns elementos compositivos existente nela para produzir arte, resulta numa intermediação entre as culturas vinculadas ao natural e a sociedade. Encontramos numa escola diversidades étnicas e culturais e sociais. Nesta escola onde nos propomos a executar a pesquisa os alunos do oitavo ano encontram-se num mesmo nível financeiro, as maiores diferenças são de cunho familiar. Assim os alunos enquanto seres contribuintes no fazer, sentem-se impelidos a constatação das construções diferentes e semelhantes. Esses desafios criativos que se propõe de elaborar formas tridimensionais convertendo-se em experiências que poderão ser canalizadas para a construção criativa, evoluindo de acordo com a compreensão da arte contemporânea. A internalização de tais experiências de forma produtiva depende da mediação externa ou interna em cada caso. Na educação mesmo que se utilize de outros enfoques, como a natureza , abordamos de forma mais pertinente o imaginário. Esse imaginário nos coloca diante de questões simbólicas das relações, das instituições, do cotidiano,

das criações sociais, enfim, da realidade. Este olhar nos permite uma organização dos sentidos e dos significados construídos pelas pessoas e pela sociedade como um todo a cerca de suas criações. A criatividade independe apenas de fatores intrapessoais, pois precisamos qualificar o importante papel da educação e da sociedade para o reconhecimento e estímulo da criação.

Então cabe ao arte educador a explanação coerente do projeto da pesquisa de cunho ecológico e da importância a criação de obras efêmeras. A criatividade está localizada em qualquer expediente da vida, não só em artes. Já sabemos da importância da motivação correta, do incentivo à descoberta, a experimentação posto que estamos tratando de elementos reais que assumem caráter multifacetado, suas características pressupões condições objetivas e subjetivas.

Quando pensamos em utilizar aspectos da arte contemporânea refazendo os caminhos já trilhados pela Land Arte, o leque que se abre abrange toda uma gama de possibilidades. Na arte não há limites para a criação, há um território no qual os fundamentos epistemológicos, políticos, metodológicos e pedagógicos são consensuais e estão unificados. Antevemos a oportunidade de construir, explorar, e avançar na compreensão das relações e como influenciemos e somos influenciados pelo meio ambiente.

Atualmente notamos um descompasso frente às questões ambientais, e a maioria da população tem conhecimento das alterações sofridas pela mineração desregrada e agricultura desmedida. Ao mesmo tempo se furtam a tomada de atitude em relação a estes fatos. Tais curtos-circuitos minam o senso de responsabilidade e, mais profundamente, ativam um estranho sentimento de acomodação. Assim, a noção de ecologia não se dá em relação a um imaginário social estável construído por todas as civilizações, mas como um termo alheio, que pertence a outra esfera de domínio. A aproximação com questões relativas à preservação reside no fluxo constante, na eterna substituição do presente por um vir a ser. A arte situa-

se nessa fronteira, abrangendo a possibilidades de evocar nos seres o aspecto criativo. Jorge Menna Barreto, maio 2013. Acessível em :<http://cargocollective.com/jorgemennabarreto>

Vendo a natureza de forma mais abrangente notamos que o advento da agricultura de alguma forma forçou o homem a adaptações no seu modo de portar-se em relação à natureza. Esta que teve inicio como um cultivo familiar onde sementes eram coletadas, tornou-se atualmente nas modificações genéticas e poluição do solo por parte dos latifundiários. Este desenvolvimento se deu em nome do aumento da população sedentária que adaptou-se as comida fartas sem necessidade de plantio ou coleta. Dessa forma, estamos lidando com ambientes modificados, pois a poluição atingiu todos os lugares possíveis, portanto estamos vivendo em um tempo de plantar sementes de criticidade em relação a natureza e todos os seus componentes. O que vemos hoje é o aumento de pobreza, florestas degradadas, ecossistemas fora de equilíbrio; um grande cuidado seria necessário para evitar um outro tipo de miséria que não a de abastecimento alimentar, e sim de falta de ar e água potável.

Temos exemplo de um gaúcho chamado Jorge Menna Barreto que além de professor de arte e doutor em artes visuais, estuda a arte integrando a natureza local ao seu fazer. Adotou as manifestações artísticas como forma de vida, sendo assim a localidade onde está serve com aspecto de sua pesquisa plástica. Todo bioma que o envolve serve como potencial par sua descoberta, assunto que também é abordado em sala de aula onde exercita uma extensão de sua pesquisa atual. Arte e natureza em biomas locais. Acessível em : <http://cargocollective.com/jorgemennabarreto>.

Neste aspecto a busca pelo primário, elemento retirado da natureza, tendo como ator principal a construção com elementos da natureza; constata cada vez mais que campos a serem investigados como potencial poético são interligados. Enseja-se

a desterritorialização que o elemento coletado ao redor da escola e descartado, as folhas, podem ocasionar; como o rompimento com a ideia de descartabilidade. Ganhando nova visão e alcance; estes trabalhos experimentais representados pelo artigo primário, assumem um viés de componentes da história individual. Essa construção com alunos enseja escapar do industrializado, revigorando as paisagens locais olhando-as de outra forma, buscando reterritorializá-las através da subjetividade. É nestes pequenos embates que constatamos então a persistência do arte-educador que possui espírito livre e retira até mesmo de restos caídos como folhas e galhos e ideias para a construção plástica em sala de aula e através de elementos naturais e percebíveis coloca em cheque o imaginário e as capacidades de cada indivíduo

A obra efêmera tem existência supostamente determinada, quando terminada a exposição passa a não mais existir de forma física, somente em projeto e apontamentos e reconstruí-la sem a presença do autor esta perderá algumas de suas características.

7| CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O DESPONTAR DA CAMINHADA

Read (1978:2), afirma que:

"O que esperamos de uma obra de arte é um certo elemento pessoal _ esperamos que tenha algo do artista, senão o espírito distinto, pelo menos a sensibilidade distinta. Esperamos que nos revele algo de original, uma visão única e particular de mundo. Daí concluir-se que se pode definir bastante apropriadamente que a obra de arte funciona como distribuidor informativo de sensibilidade"¹⁴

Na tentativa de sensibilizar buscamos o trampolim que leve a tomada de atitude que suscite a autonomia criativa. A dúvida acompanha a curiosidade na confecção dos trabalhos onde se unem o imaginário e a criatividade. Essa união complementa a possível aventura necessária para que se possa elaborar algo com real valor poético.

Os discursos de questões ecológicas são políticos na medida em que incluem ou excluem outros segmentos sociais e culturais, mesmo dentro de campos abrangentes como o campo das artes vinculadas a educação. Talvez por isso essa abrangência educativa se molde tanto a imaginação poética, pois fornece uma gama de subsídios para a escrita e a criação plástica.

De acordo com Deleuze, poderíamos abordar seu conceito de rizoma, pois estas raízes se colocam como teias que unem os povos que compõem determinada comunidade, se encontram e confluem temporariamente, isso se dá pelo tipo particular de integração instaurada por uma ordem social específica(embora não possamos enfatizar a palavra integração como homogeneização).

Em síntese, poderíamos afirmar que a arte tem o poder de unificar por meio de suas características multiculturais as disparidades encontradas no contexto escolar, embasadas em socialização de sua produção. A partir disso, poderíamos dizer que

14 READ, Herbert. O sentido da arte. 8ª Ed. São Paulo: IBRASA, 1978.

ela neutraliza as causas proporcionadas pela alienação e o consumismo, impostas pela mídia ou não, que possibilitam resgate histórico no seu fazer, mesmo assim não ignoramos que a globalização atinge também o mundo das artes e da educação.

Portanto buscamos uma forma de retrabalhar as concepções artísticas, para que possamos reacender a visualidade da natureza dentro da comunidade escolar como possibilidade de ampliação deste imaginário compartilhado.

8 | REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Imanoel. Cultura Visual, politica da estética e educação emancipadora. IN:MARTINS, Raimundo ;TOURINHO, Irene. **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria : Ed. da UFSM, 2011.

AMARAL, José Luiz do: **Artes Plásticas: significação e contexto**. Tchê.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo, Brasil: Editora Martins Fontes, 1996.

BARTHES, Ronland. **A câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, WALTER. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte. A arte contemporânea e os limites da historia**. São Paulo; Odysseus Editora, 2006.

DELEUZE, GILLES. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010(2° Ed.)

DURAND, Gilbert. **Imaginações Simbólicas**. São Paulo: Martins Fontes , 1988.

GIROUX, Henry. **Border Crossings: cultural workers and the politics of education**. New York: Rotledge, 2005

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. São Paulo: Lamparina , 2014.

HERNADEZ; Fernando. **Para a Erina ninguém diz nada ... e nos não podemos fazer o que queremos a educação da cultura visual na educação infantil**. In: MARTINS,

R.TORINHO,I. (Orgs) Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola...
Santa Maria : Ed . UFSM, 2010 p.71-85.

MAY, Rollo.(1975): **A coragem de criar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

MERLEAU- PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

PORTO- GONÇALVES, Carlos Walter. **Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores Discretos da Subjetividade - Sujeito e escritura em processo**. Porto Alegre: Sulina: editora da UFRGS, 2010.

READ, Herbert. **O sentido da arte**. 8° Ed.São Paulo: IBRASA,1978.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam: leitura da arte na escola**. Porto Alegre: Mediação , 2009(4 ed.)

TEDESCO, João Carlos. **Usos de Memória (política, educação e identidade)**. Passo Fundo, Brasil: Editora UPF, 2002.

http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=845

Acessado em 12/01/2016

<http://cargocollective.com/jorgemennabarreto>

Acessado em 20/04/2016

<http://cargocollective.com/jorgemennabarreto/Oficina-Site-specific-e-Agroecologia>

Acessado em 20/04/2016

EXPEDIENTE

REITOR

Paulo Afonso Burmann

VICE-REITOR

Paulo Bayard Dias Gonçalves

PRÓ-REITORA DA EXTENSÃO

Teresinha Heck Weiller

PRÓ-REITOR ADJUNTO

Ascísio dos Reis Pereira

COORDENAÇÃO PROJETO VISIBILIDADE

Reges Schwaab

CONSELHO EDITORIAL

Teresinha Heck Weiller (presidente)

Aline Roes Dalmolin

Ascísio dos Reis Pereira

Clayton Hillig

Luciano Schuch

Maria Beatriz Oliveira da Silva

Maria Denise Schimith

Rebeca Lenize Stumm

Reges Toni Schwabb

Rudiney Soares Pereira

Taiani Bacchi Kienetz

Thales de Oliveira Costa Viegas

Valeska Maria Fortes de Oliveira

EDITORA

Aline Roes Dalmolin

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Danielle Neugebauer Wille

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA

Taiani Bacchi Kienetz

CAPA

Francielle Fanaya Réchia

PROJETO GRÁFICO

Amanda da Silva Cruz

Danielle Neugebauer Wille

EDITORAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Amanda da silva cruz

REVISÃO

Rejane Beatriz Fiepke

SOBRE AS AUTORAS

Vanderleia Rodrigues Abadie: Departamento Pós Graduação em Arte e Visualidade, CAL. Graduação em Desenho e Plástica, Bacharelado e Licenciatura Plena. Mestranda em Arte e Visualidade; Professora da Rede Municipal de São Pedro do Sul-Projeto em andamento: Palha de Milho: Restos culturais como Potencial Poético Contato : vanderleiabadie@gmail.com.

Rebeca L. Stumm: PPGART, CAL. Professora Doutora da UFSM.

ufsm.br/pre



PRE

Pró-Reitoria de Extensão

